

TERMINALIDADE DA VIDA: QUESTÃO DE SENTIDO OU O HUMANISMO REPENSADO*

TERMINALITÀ DELLA VITA: DOMANDA SUL SENSO O L'UMANESIMO RIPENSATO

Otávio Juliano de Almeida**

RESUMO

Este artigo visa levantar a problemática dos temas correlacionados ao sentido da vida e da existência humana. Viver, morrer, como morrer e de que modo esses processos se estabelecem não é uma tarefa simples, nem mesmo resolvida. Buscamos inicialmente situar as definições e suas acepções para evitar contaminações semânticas desnecessárias. Em seguida, por uma breve revisão de literatura, buscar com pensadores encontrar as chaves de leitura que enfrentam o debate. Nossa sociedade contemporânea tem dificuldades para debater os temas do suicídio, da terminalidade da vida e da eutanásia, porque estes são provocadores ou mesmo sintomas do fracasso de projetos estabelecidos para o sustento de sistemas cujo interesse não é o coletivo, mas o reforço de ainda mais desigualdades e separações. Questionar e levantar tais camadas é o objetivo que visa desmascarar intenções aparentemente de verniz humanista ou mesmo desenhados para o progresso da humanidade, uma das utopias de nosso tempo.

PALAVRAS-CHEVE: suicídio; eutanásia; terminalidade da vida; humanismo; sentido da vida.

RIASSUNTO

L'articolo si propone di sollevare il problema dei temi legati al senso della vita e dell'esistenza umana. Vivere, morire, come morire e come si stabiliscono questi processi non è un compito semplice, nemmeno risolto. Inizialmente, abbiamo cercato di situare le definizioni e i loro significati al fine di evitare inutili contaminazioni semantiche. Poi, attraverso una breve rassegna della letteratura, cerca con alcuni pensatori di trovare le chiavi di lettura che affrontano il dibattito. La nostra società contemporanea ha difficoltà a dibattere i temi del suicidio, della terminalità della vita e dell'eutanasia perché questi sono provocatori o addirittura sintomi del fallimento di progetti nati per il sostentamento di sistemi il cui interesse non è il collettivo, ma il rafforzamento di disuguaglianze e separazioni ancora maggiori. Mettere in discussione e sollevare tali strati è l'obiettivo che mira a smascherare intenzioni apparentemente di patina umanistica o addirittura pensate per il progresso dell'umanità, una delle utopie del nostro tempo.

PAROLE CHIAVE: suicidio; eutanasia; terminalità della vita; umanesimo; senso della vita.

* * Artigo recebido em 12/04/2024 e aprovado para publicação em 20/06/2024.

** Doutor em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo e mestre em Teologia Moral pela Pontifícia Università Lateranense, Roma. Professor do Departamento de Teologia da PUC Minas. E-mail: octaviusbhz@gmail.com.

1 ESCLARECIMENTOS E DEFINIÇÕES PRÉVIAS

Gostaria de iniciar nossa reflexão, apontando para elementos que nos ajudem a percorrer esse desafiador tema e suas nuances, pela busca de definições que permitam delimitar este breve texto, bem como provocar – mote principal da Filosofia – mentes e corações a fim de que o resultado desse processo ocorra do modo mais límpido possível.

Estamos falando da realidade da pessoa humana. Ela é o centro e o alvo de toda a conversa. Não falamos aqui do homem no seu sentido corporal somente, mas enquanto ele desenvolve e estabelece relacionamentos mais ou menos duráveis, bem como oferece sentido para sua vida e a daqueles com quem convive.

Sendo assim, quaisquer dos termos e palavras que iremos abordar precisam estar bem delineados e tendo como pano de fundo homens e mulheres que possuem histórias, não somente nomes ou funções e papéis sociais.

Vejamos, pois, deste universo que se nos apresenta, como podemos nos aproximar dos termos de que estamos falando.

a) Suicídio: do latim *sui, sibi, se, se* [pronome reflexo] + sufixo latino *-cidium*, do latim *caedo, -ere* (cortar, deitar abaixo). O ato de suicídio possui em sua origem a força de uma atitude individual, solitária e com a força suficiente de tirar a própria vida. Este é o termo clássico utilizado, desde tempos remotos, para explicar o ato pelo qual uma pessoa consegue tirar sua vida, ir a óbito.

b) Autoextermínio: a utilização desse termo, juntando o prefixo ‘auto’ usado aqui no sentido de próprio, ou feito por si sem a ajuda de outrem, mais o substantivo extermínio tem sido considerado sinônimo de suicídio. Entretanto, se faz necessário que tenhamos cuidado para que não sejamos vítimas de eufemismos ou de intencionalidades que podem relativizar, suavizar ou mesmo direcionar o pensamento para lugares diferentes da ação e da motivação que o termo proposto deveria nos conduzir.

Desse modo, entendamos o significado de ‘extermínio’: ação de exterminar, de destruir completamente. Aniquilação, massacre. O termo extermínio aparece mais relacionado com ações coletivas, como quando se utiliza o termo ‘grupo de extermínio’ se referindo a ações de caráter paramilitar, fora da lei para pessoas organizadas que intentam destruir outros grupos ou pessoas individuais para fins diversos.

Exterminar é tirar completamente tudo. Desaparecer. Findar. Zerar. Sumir.

Proponho que iniciemos, socraticamente, uma suave provocação: todos os suicidas gostariam que sumisse, desaparecesse, zerasse toda a história de sua vida? Quando uma pessoa comete suicídio, toda a Sociedade bem como os grupos sociais que partilhavam a vida daquele indivíduo o esquecerão para sempre? Santos Dumont, Getúlio Vargas, Gilles Deleuze, Sigmund Freud, para ficar apenas em alguns exemplos de milhares, suicidaram. O aniquilamento, o extermínio se dá enquanto continuidade da vida biológica, do processo vital que caracteriza a capacidade destes de se relacionarem cronologicamente com seus contemporâneos, mas permanece uma força em suas vidas que transcende a cronologia do tempo e faz com que sigam adiante.

Portanto, é necessário questionar uma sociedade que insiste em eufemizar ou reclassificar fatos e a semântica de conceitos e sua largueza e largura com propósitos mais ou menos ideológicos. Podemos também fazer a mesma pergunta quando lemos que o aborto é a interrupção da gravidez, ou quando a fome é escassez de alimentos e assim por diante.

Necessária e urgente hoje seria a pergunta para aqueles que tudo perderam material e emocionalmente na tragédia climática e social do Rio Grande do Sul, se a vida deles foi aniquilada, exterminada. E, também, se porventura, a tragédia que possa advir de agora em diante, da possibilidade de muitos desses nossos irmãos, não suportarem a tristeza e a revolta e suicidar, oxalá que não, se na intenção desse ato trágico poder-se-ia chamar autoextermínio.

c) Terminalidade: que ocupa a extremidade. Que termina, que marca o fim. A qualidade do que é terminal. Estado clínico grave e irreversível, que precede uma morte próxima. Sobre este segundo significado é que nos ocuparemos.

A terminalidade, com seu sufixo “idade” diz respeito a um processo. Logo, podemos também refletir, por uma simples lógica, que toda a nossa vida começa sua ‘terminalidade’ logo que nascemos. E que, para além do significado clínico hoje comumente indicado pela prática médica, não podemos deixar de levar em consideração que todos estamos em inexorável e irrefreável processo de terminalidade da vida.

Desta conta, pensemos que cabe também aqui outras perguntas e provocações que nos ajudem na tomada de consciência do propósito deste exercício que hoje fazemos: vivemos como se nunca fôssemos embora? Nossa sociedade e o modo pela qual esta nos conduz em seus processos e visão de vida quer insistir de que jamais poderíamos ou deveríamos encerrar nossa jornada biológica neste espaço-tempo? A mensagem constantemente insuflada pelo “modus vivendi” de nosso tempo indica que vamos encerrar nossa vida apenas quando nossas funções vitais desaparecerem ou estiverem gravemente comprometidas? Tantas outras provocações

podem ser feitas e precisam ser feitas. Não há cura sem questionamento. O ser humano que não consegue criticar seu entorno, torna-se refém deste e da repetição.

d) Eutanásia: a partir do grego ‘eu’ (boa) mais *thanatos* (morte), significando uma boa morte; era o significado no estoicismo que aceitava que o sábio podia e devia assumir sua própria morte quando a vida não tivesse mais sentido, como o fez Sêneca. A partir de Thomas Morus e Bacon, o termo passa a adquirir o sentido de pôr termo, colocar fim e até mesmo acelerar a morte de um enfermo.

Distingue-se como eutanásia ‘passiva’ ou eutanásia indireta quando há uma omissão ou não aplicação de uma terapia que pudesse sustentar a vida de uma pessoa. E como eutanásia ativa ou direta, quando há uma ação médica pela qual se põe fim à vida de uma pessoa enferma, a seu pedido ou à sua revelia. Nesse sentido, também existe o termo ‘suicídio assistido’.

A partir dessas distinções e provocações, proponho que passemos à reflexão do alcance desta temática e da sua gravidade em nosso cotidiano.

2 REFLEXÃO CRÍTICA E GRAVIDADE MORAL

O ponto de partida para a reflexão ética para o drama da terminalidade da vida, da doença, da possibilidade de eutanásia e remotamente às causas do suicídio é, sem dúvida, esta: existe a possibilidade ética de dar uma resposta positiva a quem deseja morrer e pede ajuda para tanto?

Segue-se outra problemática de nível ético que consiste em saber se a vontade dos pacientes pode e deve ser respeitada nas situações em que estes recusam terapias que a medicina considera indispensáveis para a manutenção da vida. Alguns bioeticistas, como Diego Gracia, afirmam que sim, aceitando a vontade dos pacientes sempre que se cumpram pelo menos algumas condições: competência e não discriminação. Trata-se aqui do clássico conceito de ‘autonomia’ que não deve ser utilizado separado de ‘justiça’. Todos os seres humanos têm direito a iguais consideração e respeito. Todos os homens devem ser tratados como iguais, ainda que explicitamente renunciem a isto.

Proponho também que não deixemos de considerar que a busca do pedido de ‘quero morrer’ que com tanta frequência ouvimos de velhos e marginalizados descortina uma realidade não tão discutida e verificada por nós.

Nosso sistema de saúde marginaliza os enfermos crônicos irrecuperáveis em favor dos agudos e recuperáveis. De outro lado a estrutura familiar de hoje não pode e não quer cuidar

dos inválidos e anciãos. A morte social acontece muito antes da morte física; trata-se de uma eutanásia social, que pode ser tão ou mais cruel do que a morte física. Ora, estamos então em lento e crônico processo de terminalidade acelerada; todos nós, em uma Sociedade adoecida e desigual. “Se a sociedade primeiro coloca as pessoas em situações de marginalização e injustiça que são piores que a morte, e depois atende com toda solicitude os desejos de morrer de quem se encontra em tal estado, acredito que temos razões para afirmar que esta sociedade envelheceu moralmente” (Gracia, 2010).

O autor sagrado no Eclesiástico afirma: “É melhor a morte do que a vida cruel, o repouso eterno do que uma doença constante” (Eclo 30,17). Certamente exegetas e biblistas irão contextualizar a epígrafe citada como denúncia de situações que tolhem a dignidade humana, pois a vida é um *absoluto* do livro sagrado dos cristãos.

Quero a esta altura provocar outra reflexão que, em geral nos escapa, diante das situações-limite apresentadas pelos temas que tratamos. São muitas as motivações que levam ao suicídio, à eutanásia e à complexa teia de situações de terminalidade da vida. Algumas delas podem ser até de viés, diria, “sartriano”: sentir a existência como inútil. Mas, acima de todas elas temos que nos perguntar: quem é que decide sobre a dignidade da vida: é o próprio que declara que sua existência perdeu toda a dignidade, ou não seria tarefa ética dos outros seres humanos, dos acompanhantes, ajudados pela sociedade, de reivindicar e reclamar essa dignidade do doente, lutando, por assim dizer, contra a impressão – eventualmente compreensível por parte do doente – de perda da dignidade?

Creio ser esta a chave da questão. É a sociedade que oferece o poder do sentido da dignidade do ser humano. É a sociedade que deve garantir a qualidade dessa mesma dignidade, presente sempre do início ao fim da vida. De outro modo, caímos nas armadilhas tão conhecidas do individualismo e do subjetivismo modernos e de seu produto final mais nefasto: o niilismo e a completa perda do sentido de humanismo que tanto nos construiu como civilização e foi parte essencial da cultura ocidental por séculos.

“A morte é mais humana e no fundo mais serena quando permanece guardada nos relacionamentos que deram sentido à vida e a protegeram: os próprios entes queridos, naturalmente, além do médico ao qual se está confiado (Semplici, 2012, p. 77).

Colateralmente está o tema filosófico da liberdade – que não podemos desenvolver aqui – mas que pede uma outra provocação: é legítima uma liberdade para morrer?

De imediato, deve-se dizer que o pedido para morrer, mesmo diante de todos os sofrimentos psíquicos e corporais, pode ser compreensível.

Mas não é por isso que nós, os outros, temos que considerar como aceitável uma solicitação de suicídio, ou considerar como eticamente justificável o ato de eutanásia. Esta posição final depende de uma compreensão existencial da liberdade: somos livres para poder exercer esta liberdade em proveito da vida e não ao serviço da morte (Bertachini; Pessini, 2011, p. 194-195).

Na *Ética a Nicômaco* (1116a 12), Aristóteles observa que “morrer para livrar-se da pobreza, ou de anos, ou de qualquer coisa penosa, não é próprio de um homem corajoso, e sim de um covarde, pois é fraqueza fugir do que é aflitivo, e um homem desta espécie enfrenta a morte não por ser nobilitante, mas para fugir a um mal” (Suicídio, 1999, p. 1297).

É perfeitamente possível questionar aqui e contextualizar o que o Estagirita compreende por coragem, covardia. Entretanto, não deixemos de considerar que o que hoje moldamos como virtude também seja considerado frágil ou incapaz de sustentar o conceito de dignidade humana.

3 HUMANISMO COMO EIXO DE SUSTENTAÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

Nesta terceira e última parte, pretendo provocar e suscitar a reflexão de que somos e estamos em uma Sociedade adoecida. Desse modo, suicídio, eutanásia e a complexidade da discussão da terminalidade da vida encontram um lastro de causalidade-consequencialidade assustador e, não obstante, necessário para a plausibilidade do tema.

Início com Charles Taylor em sua obra: *Hegel*: sistema, método e estrutura, na qual ele afirma:

Quando concebemos um ser humano, não estamos nos referindo simplesmente a um organismo vivo, mas um ser capaz de pensar, sentir, decidir, emocionar-se, responder, estabelecer relações com outros; e tudo isso implica uma linguagem, um conjunto de maneiras relacionadas de experimentar o mundo, de interpretar seus sentimentos, de pensar a sua relação com outros, com o passado, com o futuro, com o absoluto e assim por diante. É o modo particular como ele situa a si mesmo dentro deste mundo cultural que chamamos de sua identidade. Ora, a linguagem e o conjunto relacionado de distinções subjacentes à experiência e à interpretação, contudo, é algo que só pode crescer e ser sustentado por uma comunidade. Neste sentido, o que somos como seres humanos, somos apenas numa comunidade cultural (Taylor, 2014, p. 415).

Tantos são outros pensadores que hoje analisam o quanto nossa sociedade perdeu 'musculatura', porquanto o individualismo, marca essencial do sistema capitalista, transformou tudo e todos em produtos. Se somos produtos, não podemos nos relacionar como iguais. Um dos grandes críticos dessa realidade é o filósofo coreano, radicado na Alemanha, Byung Chul Han, que denuncia, dentre outras questões o quanto a sociedade atual adoce as pessoas.

Afirma ele:

[...] na era pós-industrial e pós-heroica, o corpo não é nem posto avançado, nem meio de produção. O corpo hedonista que, sem relação com um fim mais elevado, apraz-se consigo mesmo e desfruta de si próprio, desenvolve, em oposição ao corpo disciplinado, uma posição de recusa diante da dor. A ele, a dor aparece como inteiramente desprovida de sentido e utilidade (Han, 2021, p. 25).

Han observa também que a hiperatividade e a histeria da sociedade de desempenho nos torna como que mortos vivos. A histeria da produção e do trabalho não nos torna uma sociedade livre; mas uma sociedade de cansados. Somos os grandes exploradores de nós mesmos. A hiperatividade é um enorme sintoma de esgotamento espiritual. A agudização hiperativa da atividade faz com que esta se converta em hiperpassividade, na qual se dá anuência irresistivelmente a todo e qualquer impulso e estímulo. Em vez de liberdade, a hiperatividade gera coação. Já nos alertava há muito Nietzsche, conforme lembra Han (2015, p. 53): “Aos ativos falta usualmente a atividade superior [...] e nesse sentido eles são preguiçosos. Os ativos rolam como rola a pedra, segundo a estupidez da mecânica”.

Somos uma sociedade hiperativa, excessivamente produtiva, em que desaparece o repouso e a capacidade de reflexão e de autocompreensão. Somado a isto, vivemos uma complexa e progressiva incompreensão do sentido da dor e do seu significado. Continua o filósofo:

[...] também a vontade incondicionada de combate à dor faz esquecer que esta é *socialmente mediada*. A dor reflete rejeições socioeconômicas que se inscrevem tanto no psíquico como também no corporal. Analgésicos, prescritos em massa, ocultam relações sociais que levam à dor. A medicalização e a farmacologização exclusiva da dor impedem que ela se torne *fala*, sim, *crítica*. Elas tiram da dor o caráter objetivo, o caráter social. Com a insensibilização induzida medicinal ou medialmente, a sociedade paliativa se imuniza contra a crítica. Também mídias sociais e jogos de computador atuam como anestésicos. A anestesia permanente social impede o conhecimento e a reflexão, reprime a *verdade*. Em *Dialética negativa*, Adorno escreve: ‘A necessidade de deixar o sofrimento se tornar eloquente é condição de toda verdade, pois o sofrimento é a objetividade que enfarda o sujeito; o que ele experimenta como o mais subjetivo é mediado objetivamente’ (Han, 2015, p. 29-30).

De modo algum devemos subestimar o papel das religiões e a propulsão de sentidos que estas oferecem. Foram e são sustentadoras de sentido para a humanidade.

Rubem Alves diz que aprendeu da Psicanálise que o homem faz cultura a fim de criar os objetos do seu desejo. O ego, independentemente do seu tempo e do seu lugar, visa encontrar

um mundo que possa ser amado. Então ele planta flores, produz jardins (Bertachini; Pesseni, 2011, p. 242).

Há momentos em que cessam os objetos, ou estes se dão no mundo da imaginação, dos sonhos, das fantasias e do poder milagroso da palavra. Juntam-se o amor, o desejo, a imaginação, as mãos e os símbolos para criar um mundo que faça sentido, que corrobore os valores que lhe constituem sujeito, que o seu espaço se torne ethos (casa, morada, abrigo protetor). Os símbolos (*syn-ballein*) são referências, são horizontes de sentido. A cultura e seus afazeres e produtos esgotam quando paramos na técnica e na prática. Os símbolos surgem como testemunha das coisas ainda ausentes, saudade das coisas que não nasceram.

Nasce a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza. A Religião nasce ali onde o ser humano busca significar sua existência, aprofundando as perguntas que nenhuma técnica ou arte pode responder.

O sagrado não é uma eficácia inerente às coisas. Gestos e coisas se tornam religiosas quando o homem as nomeia; surge quando queremos nomear entre coisas importantes de coisas secundárias, coisas pelas quais nossa vida e nossa morte se prendem. Assim pedras, plantas, fontes, pão, vinho, gestos passam a ter e a ser os sinais visíveis dessa teia invisível de significações. Porém, quando se tocam nos nossos símbolos, o corpo inteiro estremece. E esse estremecer é a marca existencial/emocional da experiência do sagrado, da qual a religião é a sua linguagem.

Sem uma linguagem que nos identifique e nos conecte como sociedade-comunidade, estaremos deixados à margem da solidão – um dos maiores problemas filosóficos da contemporaneidade. Sim, solidão. Ainda Rubem Alves (*apud* Bertachini; Pessin, 2011, p. 242):

Houve um tempo em que nosso poder ante a morte era muito pequeno, e, por isso, os homens e as mulheres dedicavam-se a ouvir sua voz e podiam tornar-se sábios na arte de viver. Hoje, nosso poder aumentou, a morte foi definida como inimiga a ser derrotada, fomos possuídos pela fantasia onipotente de nos livrarmos de seu toque. Com isso, nos tornamos surdos às lições que ela pode nos ensinar.

Não há vida sem morte, como bem atestou Hegel na sua *Fenomenologia do espírito*.

[...] o botão desaparece com o surgimento da flor. Poder-se-ia dizer que aquele é negado por esta. Do mesmo modo, o fruto aparece no lugar da flor, mostrando o verdadeiro sentido da árvore. A morte do botão permite a vida da flor, a morte da flor significa a vida do fruto, ou seja, vida e morte estão intimamente entrelaçadas (Siqueira, 2011, p. 242).

Quero terminar esta oportuna provocação, recordando duas figuras importantes do século XX que nos ensinaram que a dignidade humana não se mede em quantitativos, mas em qualitativos. E que o desafio de qualificar a vida humana é sempre um projeto em aberto.

Começo pela história, já conhecida de todos, de Viktor Frankl, sobrevivente do campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Em sua obra clássica, *O homem em busca de um sentido*, ele recorda que o homem não é destruído pelo sofrimento, mas pelo sofrimento sem sentido. Ele também cita Nietzsche afirmando que quem tem um por quê viver suporta quase todo e qualquer como.

E cito ainda a grande dama dos cuidados paliativos Cicely Saunders, que diz que o sofrimento somente é intolerável se ninguém cuida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode subestimar o adoecimento que nossa sociedade contemporânea tem passado. As mazelas macrossociais, o flagelo da guerra, desigualdades globais, além dos problemas ecológicos deixam seu rastro de destruição e de fragmentação do ser humano. O tecido social, assim esgarçado e fragilizado não consegue ajudar o indivíduo a se compreender diante de tamanhos paradoxos. Instalam-se angústias, dificuldades de diversos matizes, e os temas aqui provocados são como um grande sintoma desse adoecimento quase generalizado. Não problematizar, ignorando ou diminuindo sua importância, é o atalho mais covarde. O humanismo tão duramente conquistado, que trouxe nobres avanços no campo social, econômico e cultural para o século XX está posto em xeque. Forças poderosas como o sistema econômico financista e a globalização interesseira para poucos não suportam pessoas dignas que reivindicam seus direitos e universalizam o pensamento crítico e a troca genuína de informações. Não obstante tais pressões, necessitamos acreditar e lutar para o sentido do humano alcançar sua plenitude e não sucumbirmos na fragilidade do pensamento e da sociedade do conforto e da superficialidade.

REFERÊNCIAS

BERTACHINI, Luciana, PESSINI, Leo (org.). **Encanto e responsabilidade no cuidado da vida**. São Paulo: Ed. São Camilo, Ed. Paulinas, 2011.

GRACIA, Diego. **Pensar a bioética. Metas e desafios**. São Paulo: Ed. São Camilo, Ed. Loyola, 2010.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung Chul. **Sociedade paliativa, a dor hoje**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SEMPlici, Stefano. **Onze Teses de Bioética**. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2012.

SIQUEIRA, José Eduardo. Reflexões éticas sobre o cuidar na terminalidade da vida. SP. *In*: PESSINI, L. BERTACHIN. **Encanto e responsabilidade no cuidado da vida**. São Paulo: Ed. São Camilo, Ed. Paulinas, 2011.

SUICÍCIO. *In*: DICIONÁRIO INTERDISCIPLINAR DA PASTORAL DA SAÚDE. São Paulo: Ed. Paulus, Ed. São Camilo, 1999. p.1297.

TAYLOR, Charles. **Hegel**: Sistema, método e estrutura. São Paulo: Realizações, 2014.